

---

## Quem conta a história? A presença feminina no telejornalismo capixaba<sup>1</sup>

Patrick Lóss Fernandes da Silva<sup>2</sup>

Arthur Fiel<sup>3</sup>

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

### Resumo

O estudo investigou a presença feminina no telejornalismo capixaba, analisando o perfil das profissionais, os desafios enfrentados e evidenciou desigualdades de gênero na área. A pesquisa utilizou um questionário aplicado a jornalistas do Espírito Santo, possibilitando uma análise quanti-qualitativa dos dados. Os resultados apontam que, embora as mulheres representem a maioria dos profissionais do setor, a presença delas em cargos de liderança ainda é reduzida. O estudo ainda revela que a divisão de funções dentro das redações reflete estereótipos de gênero, com as mulheres concentradas em editorias específicas. A pesquisa também apontou relatos de assédio e discriminação no ambiente de trabalho, destacando a necessidade de políticas institucionais para maior equidade de gênero no telejornalismo capixaba.

**Palavra-chave:** telejornalismo; mulheres; gênero; Espírito Santo.

### Introdução

A inserção das mulheres no mercado de trabalho é atravessada, ao longo da história, por desigualdades estruturais. No mercado da comunicação, apesar de representarem a maior parte da força de trabalho jornalística no Brasil (Lima *et al.*, 2022), as mulheres continuam enfrentando desafios relacionados à desigualdade salarial, à dificuldade de ascensão a cargos de chefia e à concentração em determinadas editorias. A disparidade de oportunidades evidencia a permanência de uma lógica patriarcal que define quais vozes são legitimadas nos espaços de produção de notícias.

No Espírito Santo, essa realidade se soma a um mercado jornalístico restrito, caracterizado pela escassez de dados sobre a atuação dos profissionais da comunicação. Pesquisas recentes têm mostrado que as oportunidades de trabalho estão concentradas na

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – 19ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Recém-graduado no Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, e-mail: [patricklossfs@gmail.com](mailto:patricklossfs@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho e professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, e-mail: [arthur.fiel@ufes.br](mailto:arthur.fiel@ufes.br)

Grande Vitória<sup>4</sup>, e muitos jornalistas buscam alternativas em assessorias de imprensa ou em órgãos públicos (Sonegheti e Bellan, 2021). Ademais, o fechamento de veículos de comunicação e a reestruturação das redações acentuam a precarização do trabalho, limitando ainda mais as oportunidades para as mulheres (Sonegheti e Souza, 2024).

No que tange o telejornalismo, a estrutura da televisão no Espírito Santo também reflete esse cenário de restrição e concentração. De propriedade majoritariamente privada e ligada a grupos tradicionais, as emissoras locais surgiram com forte influência das elites políticas e econômicas, o que moldou um ambiente conservador na mídia capixaba (Martinuzzo, 2012).

Diante desse contexto, este estudo buscou analisar a presença feminina no telejornalismo capixaba, identificando o perfil das profissionais que atuam na área, os desafios enfrentados e as dinâmicas de desigualdade de gênero presentes no setor. A pesquisa se estrutura em uma revisão bibliográfica e na aplicação de um questionário direcionado a jornalistas que atuam em diversas emissoras de televisão do Espírito Santo, subsidiando uma análise quanti-qualitativa sobre a problemática.

O estudo se justifica pela necessidade de compreender e dar visibilidade à atuação das mulheres no telejornalismo local, de forma a contribuir para um debate mais amplo sobre equidade de gênero no jornalismo. Outrossim, ao analisar a presença feminina nesse setor, a pesquisa pretende oferecer subsídios para discussões futuras sobre políticas de inclusão e fortalecimento da participação feminina nas telas dos jornais capixabas.

## **Metodologia**

Este trabalho pode ser classificado como uma pesquisa exploratória e descritiva, pois buscou compreender e discutir a presença de mulheres no telejornalismo no Estado do Espírito Santo, abordando aspectos qualitativos e quantitativos. Pesquisas exploratórias buscam proporcionar maior familiaridade com o problema tratado, a fim de torná-lo mais explícito. Simultaneamente, a pesquisa é descritiva, uma vez que busca descrever e analisar a presença feminina no telejornalismo capixaba (Gil, 2008).

---

<sup>4</sup> A Região Metropolitana da Grande Vitória compreende os municípios de Vitória, Vila Velha, Serra, Cariacica, Viana, Guarapari e Fundão, com uma população de pouco mais de 2 milhões de habitantes, o que representa 46% da população de todo o Espírito Santo. A capital Vitória possui cerca de 370 mil habitantes, o que evidencia a importância das demais cidades para a formação da região.

---

Ainda segundo Gil (2008), uma pesquisa tem por objetivo descobrir respostas para os problemas propostos por meio de procedimentos científicos. Dessa forma, a coleta de dados empíricos que subsidiaram a análise quantitativa deste estudo, com um questionário aplicado a profissionais do telejornalismo no Estado do Espírito Santo, a fim de traçar um perfil desses profissionais, foi desenvolvido no âmbito de uma pesquisa realizada no Programa Institucional de Iniciação Científica (PIIC - UFES). O questionário foi aplicado de forma online entre os profissionais de veículos de comunicação do Espírito Santo, a fim de obter dados e analisar, de forma quantitativa, toda a população de profissionais do setor e, numa análise específica para este estudo, dados sobre a presença de mulheres.

Num primeiro momento, elaborou-se uma lista com nomes e contatos de profissionais que atuam nos telejornais capixabas em diversas regiões e emissoras do Estado. Na sequência, o questionário foi encaminhado aos profissionais por e-mail e aplicativos de mensagens, recebendo respostas de forma anônima, entre 14 de maio e 6 de junho de 2024. Ao todo, foram recebidas 55 respostas, um número considerável para fins estatísticos, visto o telejornalismo ser um nicho específico da comunicação e o Relatório do Perfil do Jornalista Brasileiro 2021 (Lima *et al.*, 2022), que avalia jornalistas de todas as áreas de atuação, apresentar 211 respostas de participantes do Espírito Santo e considerar 74 como amostra, de acordo com a metodologia escolhida.

O questionário foi dividido em três seções: a) Dados demográficos: com questões objetivas sobre idade, cor/raça, gênero e orientação sexual; b) Atuação profissional: apurou questões objetivas sobre tempo de atuação no telejornalismo, função desempenhada e área de atuação; c) Experiência profissional: os respondentes foram questionados sobre eventuais constrangimentos no ambiente de trabalho e a influência das vivências pessoais no desempenho profissional, sendo essas questões opcionais e com espaço para relato pessoal.

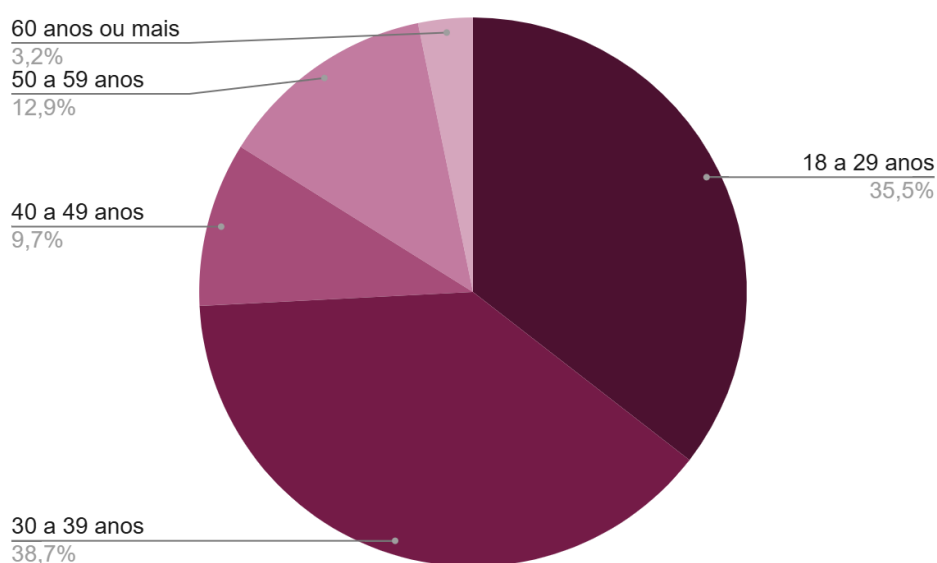
Com as respostas, foram realizadas análises quantitativas e qualitativas dos resultados obtidos. De forma inicial, foi feita uma análise de todas as respostas para, na sequência, reunir os dados sobre os respondentes que se declararam do gênero feminino. A partir desses dados, foram feitas novas análises e discussões à luz da literatura.

## As mulheres no telejornalismo capixaba: uma análise quanti-qualitativa

Pela pesquisa realizada, entre todos os 55 respondentes, pode-se afirmar que os profissionais de telejornalismo no Estado do Espírito Santo são, em sua maioria, jovens (38,2% possuem menos de 30 anos, sendo que 71% possuem menos de 40 anos); brancos (63,6%); e heterossexuais (74,5%). Na perspectiva de gênero, as mulheres são 56,4%, enquanto os homens representam 43,6%. Não houve respostas para outras identidades de gênero além de masculino e feminino. Nesse aspecto, os resultados se assemelham com o Relatório do Perfil do Jornalista Brasileiro 2021 (Lima *et al.*, 2022), no qual mostra que os jovens (menos de 30 anos) são 29%; os brancos são 67,8%; as mulheres são 57,8% e os homens 41,9% (e 0,3% não se identificam com os gêneros femininos e masculino).

No tocante aos dados sobre a participação feminina, inicialmente, a faixa etária predominante entre as profissionais entrevistadas situa-se entre 30 e 39 anos (38,7%), seguida por aquelas com idades entre 18 e 29 anos (35,5%). Esses dados indicam uma presença significativa de mulheres jovens e em início ou meio de carreira no telejornalismo. O percentual menor de mulheres com mais de 50 anos (16,1%) sugere que a permanência na profissão pode ser impactada por diversos fatores, como sobrecarga de trabalho, dificuldades de ascensão na carreira e questões relacionadas à conciliação entre vida profissional e pessoal (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Idade das mulheres que atuam no telejornalismo no Espírito Santo



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

A distribuição racial das jornalistas evidencia uma presença acentuada de mulheres brancas (64,5%), enquanto pardas e pretas representam 25,8% e 9,7%, respectivamente. Os dados indicam a necessidade de maior diversidade racial nos espaços de produção de notícias, refletindo a estrutura social e histórica do mercado de trabalho jornalístico no Brasil, onde mulheres negras ainda enfrentam barreiras significativas para ocupação de posições de destaque.

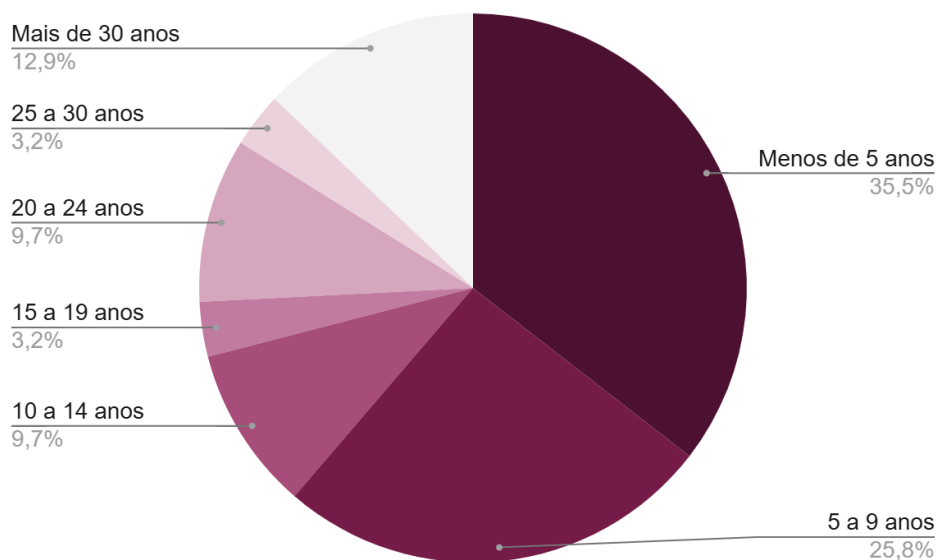
Já no que se refere à orientação sexual, a ampla maioria das entrevistadas se identificam como heterossexuais (90,3%), enquanto 9,7% se declararam bissexuais. Esse dado aponta para um mercado de trabalho ainda majoritariamente heteronormativo. Deve-se considerar, entretanto, que a inclusão de amplas identidades pode enriquecer a narrativa e a abordagem dos temas tratados no telejornalismo, por meio dos discursos e das subjetividades dos atores da comunidade LGBTQIA+ (Silva e Fiel, 2024).

Além disso, ao analisar os resultados sobre cor e orientação sexual das jornalistas, os dados reforçam a interseccionalidade como fator determinante na dinâmica de ocupação dos espaços no mercado de trabalho e na mídia. Collins (2022, *apud* Oliveira, 2024) afirma que o racismo e a LGBTfobia compartilham diversos pontos de contato, pois utilizam mecanismos institucionais para manter hierarquias raciais e sexuais e práticas para disciplinar a sociedade numa lógica binária, apontando como anormal aquilo que foge do padrão “branco-cis-heteronormativo”.

No que tange ao tempo de atuação no telejornalismo, as respostas das jornalistas indicam que a maioria das profissionais está no início da carreira, com 35,5% atuando há menos de cinco anos e 25,8% entre cinco e nove anos. Apenas 12,9% possuem mais de 30 anos de experiência, o que reforça a necessidade de discutir e questionar a permanência das mulheres no setor e as oportunidades de crescimento profissional (Gráfico 2).

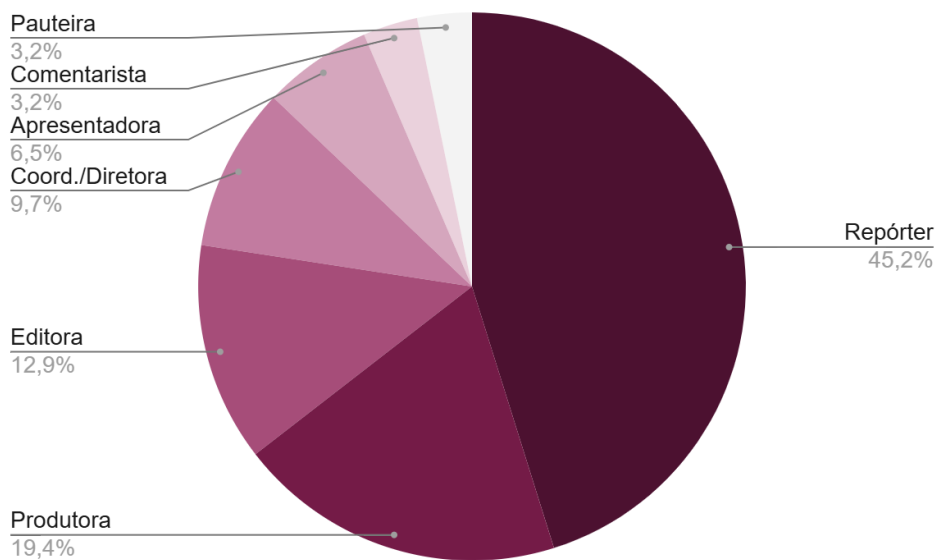
Em relação às funções desempenhadas, quase metade das mulheres ocupa o cargo de repórter (45,2%), seguido pelas funções de produtora (19,4%) e editora (12,9%). Já os cargos de coordenação e direção representam apenas 9,7%, enquanto apresentadoras somam 6,5% (Gráfico 3). Esse quadro revela uma concentração de mulheres em funções operacionais da produção jornalística, enquanto os postos de maior visibilidade e tomada de decisão ainda são ocupados, em sua maioria, por homens.

Gráfico 2 - Tempo de atuação das mulheres no telejornalismo do Espírito Santo



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Gráfico 3 - Função em que as mulheres atuam no telejornalismo no Espírito Santo

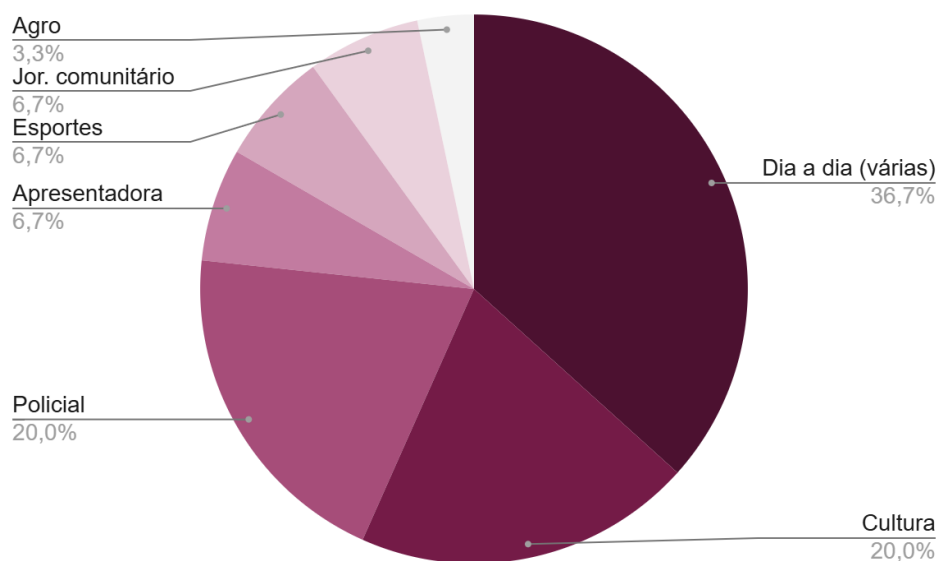


Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Quanto à editoria em que atuam (Gráfico 4), a maioria das jornalistas trabalha cobrindo assuntos variados (36,7%), o que demonstra uma necessidade de polivalência na profissão. Isso sugere uma cobertura diversificada, mas também implica que os

profissionais são frequentemente exigidos a se especializar em múltiplos temas. Tal tendência também foi observada por Bellan e Silva (2021) ao analisarem as condições de trabalho nas duas maiores redes de comunicação do Espírito Santo. Os autores identificaram as chamadas “dobras de editorias”, nas quais os profissionais desempenham duas ou mais funções em diferentes editorias.

Gráfico 4 - Editorias em que as mulheres atuam no telejornalismo no Espírito Santo



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Além disso, as editorias de cultura e policial empatam com 20% cada, indicando um aumento na participação feminina em áreas que tradicionalmente possuíam uma maior presença masculina (jornalismo policial). No entanto, a presença ainda reduzida em segmentos como esportes (6,7%) e agro (3,3%) reflete desafios persistentes para a ocupação de espaços nesses nichos do telejornalismo.

A análise dos dados também evidenciou que as três mulheres que se declararam bissexuais atuam em áreas específicas: duas na editoria de esporte e uma na de cultura. A concentração de mulheres bissexuais no jornalismo esportivo levanta questões sobre a segmentação de gênero e sexualidade em determinados nichos do telejornalismo. Esse aspecto pode ser visto, por um lado, como uma oportunidade de visibilidade, mas deve ser analisado, contudo, como uma possível limitação imposta por estereótipos de gênero e sexualidade nesse segmento da profissão, historicamente ocupado por homens.

---

Além dos dados apresentados, a influência das vivências pessoais no exercício profissional foi majoritariamente reconhecida pelas profissionais participantes da pesquisa. 93,5% delas afirmaram que suas experiências pessoais impactam a maneira como desempenham suas funções no telejornalismo. Este dado revela como as experiências individuais das jornalistas são cruciais na produção, o que pode indicar uma maior subjetividade na cobertura e escolha dos temas abordados nos telejornais, como uma das mudanças nos paradigmas do jornalismo, proposta por Moraes (2018), em seus estudos sobre “jornalismo de subjetividades”. Este resultado é relevante, pois demonstra que as vivências e experiências pessoais, como as questões de gênero, acabam por moldar a abordagem profissional, criando um espaço para que temas importantes e representativos ganhem espaço nos veículos de comunicação.

Já quando questionadas se já haviam passado por algum tipo de constrangimento no exercício da profissão devido a fatores como cor, gênero ou orientação sexual, 41,9% das jornalistas responderam que sim. Esse percentual indica que quase metade delas já enfrentou situações de discriminação ou desconforto em seu ambiente de trabalho.

Na última pergunta do questionário, direcionada a todos os profissionais que afirmaram já ter passado por algum tipo de constrangimento no exercício profissional, foi oferecida a oportunidade de descrever relatos de forma aberta. Das 14 respostas recebidas, 12 foram feitas por mulheres, correspondendo a 85,71% dos relatos. Os depoimentos apontaram situações de assédio e machismo, evidenciando que, no telejornalismo capixaba, as mulheres ainda enfrentam desafios relacionados ao sexismo no ambiente de trabalho. Esses relatos indicam que, além de enfrentarem a pressão comum da profissão, as mulheres têm de lidar com atitudes e comportamentos discriminatórios, muitas vezes direcionados à sua condição de gênero, o que impacta tanto seu bem-estar quanto seu desempenho profissional. Tais dados podem abrir espaço para o questionamento sobre a permanência das mulheres na atividade profissional. Além disso, reforça a persistência de uma cultura machista em espaços de comunicação, onde as dinâmicas de poder podem favorecer comportamentos abusivos e minimizar a representatividade feminina, embora estejam em maior número entre os profissionais do telejornalismo.

## **Considerações finais**

Um dos maiores desafios para a realização do estudo foi a falta de dados sobre o tema na realidade local. O estudo é pioneiro ao levantar dados sobre os profissionais de telejornalismo no ES e, neste recorte, sobre a participação feminina no setor. A análise da literatura e dos dados evidenciou avanços na inserção das mulheres no telejornalismo brasileiro e capixaba, mas também reforçou a existência de obstáculos estruturais que limitam a ascensão profissional feminina. Questões como permanência na carreira, ocupação de cargos de liderança e inclusão de mulheres negras e LGBTQIA+ são aspectos fundamentais para garantir uma maior equidade dentro do telejornalismo.

No contexto local, a realidade do telejornalismo capixaba reflete tendências observadas no restante do país. A coleta de dados do questionário "Perfil dos profissionais do Telejornalismo capixaba" permitiu um olhar mais detalhado sobre a inserção das mulheres no setor, permitindo compreender como se dá sua atuação delas nas redações os possíveis desafios enfrentados. Os resultados vão de encontro com o estudo de Mangas e Moraes (2024) no qual apontam que, fora dos grandes centros urbanos, há maior resistência à ascensão feminina em funções de liderança, o que reforça desigualdades estruturais no setor. Além disso, ficou evidente também que as editorias e funções desempenhadas pelas jornalistas podem ser reflexos de uma segmentação pautada em estereótipos de gênero.

O estudo também aponta a relevância de continuar a discussão sobre o tema não apenas na academia, mas, principalmente, dentro das empresas de comunicação. Assim, este trabalho abre caminhos para novas investigações, sendo necessária também a ampliação do escopo para outras questões, bem como para a análise de outros dados provenientes do questionário aplicado.

Considera-se por fim que, apesar das conquistas, há um longo caminho a percorrer para garantir maior diversidade e igualdade de gênero nas redações televisivas do país. O fortalecimento das políticas de inclusão, a promoção de mulheres em cargos de chefia e a valorização das jornalistas negras são medidas necessárias para transformar esse cenário e construir um telejornalismo mais plural e representativo.

---

## Referências

- BELLAN, Rafael; SILVA, Vitor Guerra. Os jornalistas do Espírito Santo (ES): aspectos das condições de trabalho nas maiores redações capixabas. In: Anais do 19º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2021, Brasília. **Anais...**, Galoá, 2021. Disponível em: <<https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2021/trabalhos/os-jornalistas-do-espirito-santo-es-aspectos-das-condicoes-de-trabalho-nas-maior?lang=pt-br>> Acesso em: 12 jan. 2025.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LIMA, Samuel Pantoja (org.). **Perfil do jornalista brasileiro 2021**: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. Florianópolis: Quorum, 2022. 220 p. Disponível em: <https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2022/08/RelatorioPesquisaPerfilJornalistas2022x2.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2025.
- MANGAS, L.; MORAES, I. da S. O espaço destinado às mulheres no telejornalismo amapaense. **Puçá**: Revista de Comunicação e Cultura na Amazônia, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 102–119, 2024. Disponível em: <https://estacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/puca/article/view/3134>. Acesso em: 31 jan. 2025.
- MARTINUZZO, José Antonio. A televisão no Espírito Santo - trajetória histórica e conexões socioeconômicas e políticas do modelo. **Revista Brasileira de História da Mídia**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 21-30, ago. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/3913/2271>. Acesso em: 01 ago. 2024.
- MORAES, Fabiana. Para que serve um jornalismo de subjetividade? In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 16, 2018. **Anais...** São Paulo: SBPJOR, 2018.
- OLIVEIRA, Caíque. Interseccionando e aproximando: conexões entre raça, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 32, n. 1, p. 1-4, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/jwbXDvFCm89HM5QcGHX3ZtP/?lang=pt>. Acesso em: 17 ago. 2024.
- SILVA, Patrick Lóss Fernandes da; FIEL, Arthur. CORPOS LGBTQIA+ NO TELEJORNALISMO: reflexos de uma pauta nacional em perspectiva local. In: FIEL, Arthur (org.). **Economia e política(s) do audiovisual**. Vitória: OCAC; PROEX/Ufes, 2024. p. 105 - 118. Disponível em: [https://www.academia.edu/124789986/Economia\\_e\\_Pol%C3%ADtica\\_s\\_do\\_Audiovisual](https://www.academia.edu/124789986/Economia_e_Pol%C3%ADtica_s_do_Audiovisual). Acesso em: 11 jan. 2025.
- SONEGHETI, Débora; BELLAN, Rafael. Quem é o trabalhador da comunicação na nova morfologia do trabalho? In: Seminário Comunicação e Territorialidades, 7º, 2021, Vitória. **Anais...** Vitória: Póscom Ufes, 2022. p. 1-10. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/poscomufes/issue/view/1401>. Acesso em: 01 out. 2024.
- SONEGHETI, Débora; SOUZA, Rafael Bellan Rodrigues de. Mercado de trabalho em jornalismo no ES: um território de disputas e contradições. In: Seminário Comunicação e Territorialidades, 9º, 2024, Vitória. **Anais...** Vitória: Póscom Ufes, 2024. p. 1-4. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/poscomufes/article/view/46746>. Acesso em: 10 jan. 2025.